



Balanço de 2005

Fabiano R. Tito Rosa *

Alcides de Moura Torres Jr. ** e Gabriela O. Tonini ***

Em 2005, a pecuária de corte brasileira registrou resultados expressivos. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção de carne bovina foi de 9,7 milhões de toneladas de equivalente-carcaça, o que representou um aumento de 5,7% em relação aos 8,7 milhões de toneladas de equivalente-carcaça produzidas em 2004. Para tanto, foram abatidos 42,6 milhões de cabeças bovinas, ou seja, um crescimento de 5,8% em relação aos 40,3 milhões de cabeças de 2004.

Cerca de 28,1 milhões de cabeças foram abatidas de forma legal, com base em números do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, consolidados até setembro de 2005. Portanto, o assim chamado abate clandestino ainda responde por aproximadamente 34% da produção nacional.

As exportações, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em 2005, deverão fechar em 2,12 milhões de tec e com uma receita de US\$3,05 bilhões, um aumento de 18,6% em volume e de 23,5% em faturamento, em relação a 2004. A febre aftosa e a greve dos fiscais agropecuários comprometeram o resultado do final do ano.

O consumo interno de carne bovina, de acordo com a Conab, alcançou 7,12 milhões de toneladas de equivalente-carcaça. Cresceu um pouco, em função do aumento da população, pois o consumo per capita ficou estagnado em perto de 38 kg.

Com base nessas informações e em dados da FAO, órgão das Nações Unidas, responsável por questões ligadas à agricultura e alimentação, o

Brasil fechou 2005 como segundo produtor mundial de carne bovina, detendo 15% da produção, atrás apenas dos Estados Unidos; terceiro consumidor, atrás apenas da União Européia e dos EUA, detendo 11,2% do consumo mundial; e maior exportador, com 31,6% do comércio mundial. Cerca de 21,9% da produção brasileira foi negociada no mercado internacional.

Somente com relação ao tamanho do rebanho bovino brasileiro, se apurou resultado negativo. Em 2005, havia 191,37 milhões de cabeças de gado no Brasil; uma retração de 1% em relação a 2004. Reflexo de quase 4 anos de abate intermitente de matrizes.

No entanto, recentemente, o IBGE informou um aumento de rebanho entre 2003 e 2004. Os números discordantes são creditados ao fato de que, desde 1996, não é realizado um censo agropecuário. Os números oficiais são estimados com base nos resultados das campanhas de vacinação contra febre aftosa, ou seja, não houve mais levantamentos de campo.

O abate de fêmeas evoluiu acima da média. O produtor recompõe seu caixa com a venda de matrizes aos frigoríficos, uma vez que os preços pecuários estão em baixa desde 2001.

Como o abate de fêmeas avança acima do abate de machos, haverá transformações significativas no mercado, ao longo dos próximos anos.

Num primeiro momento, o descarte de matrizes intensifica a derrocada dos preços, com aumento na oferta de animais para abate. Mas, com o passar do tempo, a produção de bezerros cai e há recuperação dos preços. O produtor volta a reter matrizes e a investir. As ofertas de animais para abate se ajustam e valorizam a arroba. É o ciclo pecuário.

PREÇOS

As cotações da arroba do boi e da vaca gorda literalmente despencaram ao longo de 2005, quando comparado com os preços registrados em 2004.

A reação da arroba, em dólares, se deve à valorização do real. Os frigoríficos exportadores forçam a derrubada do boi em reais. Mas o fator de baixa mais importante foi o aumento da oferta. Os abates aumentaram em 5,8% de

2004 para 2005, frente a um consumo interno estagnado.

Em setembro, pico de entressafra, o mercado deu sinais de reação, com significativa retração do volume de animais confinados e semiconfinados.

De 15 de setembro a 10 de outubro, o boi gordo reagiu, por exemplo, 18,0% em São Paulo e 13,1% no Mato Grosso do Sul. Os sinais eram de galgar posições mais altas. O mercado futuro apontava valores acima de R\$65,00/@ em SP.

FEBRE AFTOSA

Veio, então, a febre aftosa no Mato Grosso do Sul, e os preços caíram. E também com a liberação da comercialização de gado e carne do Mato Grosso do Sul para outros Estados, a descoberta de um foco de aftosa no Paraná, o aumento das restrições comerciais internacionais e a chegada do boi de pasto, o mercado voltou a afrouxar.

Em dezembro, o mercado se firmou, por conta de um ajuste sazonal de oferta, como reflexo das festas típicas do período. Foi um ano difícil. Em setembro, o preço médio do boi gordo paulista ficou em R\$50,88/@, a prazo, para descontar o Funrural. O mais baixo dos últimos 35 anos, com base em valores corrigidos pelo IGP-DI.

Além do aumento de oferta e do dólar baixo, a queda dos preços de alguns derivados bovinos também contribuiu para a desvalorização da arroba.

A cotação do couro verde no Brasil Central, por exemplo, recuou 29,4% em 2005, com oferta elevada, dólar baixo (70% da produção de couro é exportada) e concorrência chinesa, na venda de artefatos de couro (calçados, bolsas etc.).

Insumos: variações de preços médios, em R\$, ao longo de 2005 - SP

Produtos	Variações
Concentrados protéicos	1,3%
Concentrados energéticos	6,2%
Fertilizantes	-12,6%
Sais minerais e proteinados	-1,8%
Herbicidas para pastagens	-4,4%
Diesel	12,0%
Arares e acessórios	14,4%
Boi gordo - SP	-13,3%
Bezerro anelado	0,4%

Fonte: Scot Consultoria

Variações das cotações da arroba, em R\$, ao longo de 2005

Praças	2005		2004	
	Boi gordo	Vaca gorda	Boi gordo	Vaca gorda
SP - Barretos	-13,3%	-9,3%	-8,8%	-6,9%
SP - Araçatuba	-13,3%	-8,5%	-9,0%	-7,2%
MG - Triângulo	-9,9%	-9,2%	-8,2%	-7,0%
MG - Belo Horizonte	-7,7%	-8,0%	-5,1%	-5,4%
GO - Goiânia	-8,9%	-6,1%	-8,1%	-7,8%
GO - Sul	-9,3%	-9,9%	-8,7%	-6,9%
MS - Dourados	-14,5%	-12,5%	-12,6%	-11,9%
MS - Campo Grande	-15,3%	-12,3%	-13,1%	-12,0%
MS - Três Lagoas	-14,3%	-12,6%	-12,8%	-10,3%
RS - Erechim	-8,0%	-11,9%	-5,4%	-6,1%
RS - Pelotas	-3,3%	-10,0%	-1,6%	-2,2%
BA - Sul	-3,7%	-8,3%	-6,8%	-6,3%
MT - Alta Floresta	-8,7%	-7,8%	-7,3%	-12,3%
MT - Sudoeste	-6,3%	-4,0%	-8,0%	-10,0%
MT - Cuiabá	-5,5%	-2,6%	-6,6%	-8,3%
MT - Barra do Garças	-4,5%	-1,4%	-8,4%	-9,4%
PR	-13,9%	-12,4%	-11,4%	-9,6%
SC	-1,8%	-0,6%	-5,7%	-6,6%
PA - Marabá	-8,5%	-8,5%	-6,5%	-6,4%
PA - Redenção	-6,4%	-4,8%	-7,6%	-7,5%
PA - Paragominas	-6,0%	-6,0%	-5,2%	-4,8%
RO	-6,2%	-7,0%	-8,6%	-10,4%
TO - Sul	-10,2%	-6,1%	-8,3%	-7,0%
TO - Norte	-9,3%	-9,2%	-7,3%	-6,6%
RJ	-9,3%	-5,4%	-8,8%	-5,2%
Média	-8,7%	-7,8%	-7,9%	-7,8%

Fonte: Scot Consultoria

REPOSIÇÃO

Os preços, para a maioria das categorias e praças, recuaram menos que os preços do boi gordo, em função do ajuste de oferta, já como reflexo do abate de matrizes.

As cotações dos animais de reposição só não se firmaram em função da demanda fraca. Graças à 'fraqueza' do mercado do boi gordo, o poder de compra dos invernistas ficou abalado, afastando-os dos investimentos.

Mesmo caindo menos, em comparação com o boi gordo, os preços recebidos pelos criadores estiveram longe de serem considerados remuneradores. Portanto, o abate de matrizes se manteve elevado.

INSUMOS

Os preços de insumos agrícolas evoluíram pouco em 2005. Para alguns, foram registrados recuos. Mas a retração dos preços pecuários, sobretudo, do boi gordo, foi muito mais significativa. As relações de troca pioraram para os produtores, comprometendo investimentos e, até

Variações das cotações de animais anelados para reposição, em R\$, ao longo de 2005

Praças	Boi magro	Garrote	Bezerro	Desmama
SP	-3,7%	-5,8%	0,4%	-4,9%
RJ	0,0%	0,0%	-0,8%	-2,5%
MG	-7,1%	-13,9%	-11,3%	-10,0%
GO	-1,5%	-2,2%	-4,7%	-6,9%
MS	-5,5%	-7,2%	-8,7%	-8,0%
BA	4,7%	4,4%	8,1%	8,0%
MT	-0,3%	-13,2%	-5,7%	-10,0%
PR	0,3%	-5,5%	-9,2%	-11,5%
PA	-0,7%	-8,8%	-12,9%	-11,8%
RO	-4,7%	-7,3%	-5,9%	-9,7%
TO	-1,3%	-8,5%	-12,0%	-13,8%
RS*	-4,7%	-4,5%	-9,8%	-10,3%
SC*	-6,4%	-4,8%	-8,4%	-8,1%

Fonte: Scot Consultoria
* Cruzamento industrial

mesmo, despesas essenciais.

No caso dos criadores, apesar da recuperação parcial do poder de compra, a melhoria ainda não foi suficiente para amenizar três anos de retração intensa. Em várias praças, ao contrário do que aconteceu em São Paulo, o mercado de criação se manteve em baixa.

Algumas fábricas e revendas de sal mineral informaram que as vendas têm evoluído pouco. Alguns produtores

passaram a oferecer apenas sal branco aos animais. Outros, nem isso. Tal comportamento vai interferir negativamente na produtividade dos rebanhos ao longo deste ano.

A partir do segundo semestre de 2005, o Equivalente Físico se manteve próximo e, às vezes, acima da cotação da arroba. Somente com a venda de carne com osso para o mercado interno, os frigoríficos cobriram o custo do boi. Isso não acontecia desde 1996/1997.

Quando se considera o Equivalente Scot, ou seja, quando são computadas também as vendas de couro verde e sebo, a "margem" dos frigoríficos se manteve em patamares razoáveis ao longo de todo o ano. Pode-se considerar, portanto, que 2005 foi um ano relativamente bom para os frigoríficos de mercado interno, muito melhor que 2004.

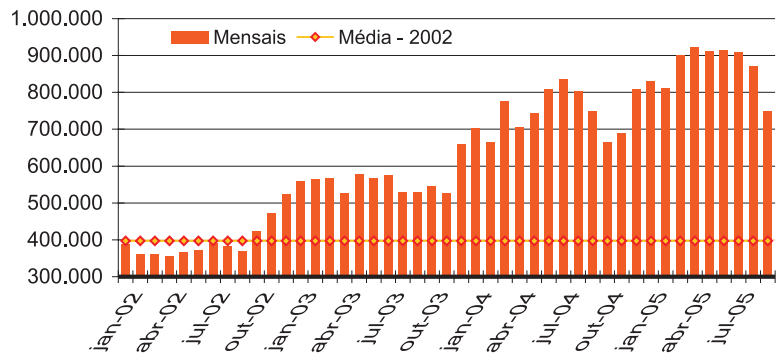
Houve aí uma "mãozinha" da aftosa. As especulações em torno do fato fizeram com que as cotações da arroba recuassem muito mais que as da carne. Afinal, os frigoríficos, bem informados e bem posicionados estrategicamente, são menos suscetíveis à boataria.

EXPORTAÇÕES

A "margem" dos exportadores achatou em relação a 2004, em função da valorização do real. No entanto, a relação carne exportada/arroba se manteve positiva. Nessa comparação, são utilizados os preços médios da carne bovina exportada pelo Brasil e os preços médios do boi gordo em São Paulo, sendo que o boi paulista é geralmente o mais caro, e São Paulo, apesar de ser o maior, não é o único Estado exportador.

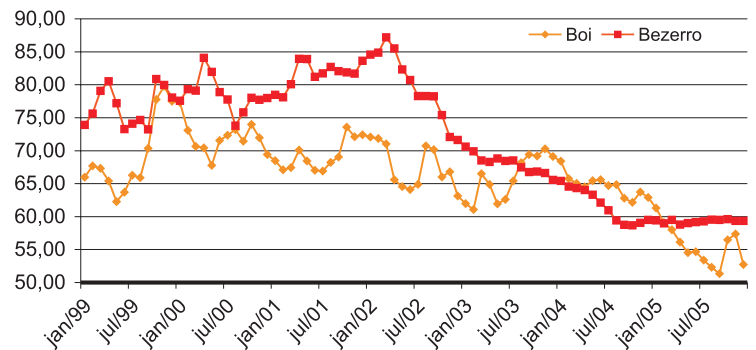
Aliás, no final do ano, frigoríficos com plantas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, foram, até certo ponto, beneficiados com os embargos que acometeram São Paulo e Mato Grosso do Sul. Afinal, continuaram exportando quase que normalmente, e os preços da carne bovina no mercado internacional reagiram, graças, justamente, às restrições comerciais impostas ao Brasil.

Abates de vacas no Brasil



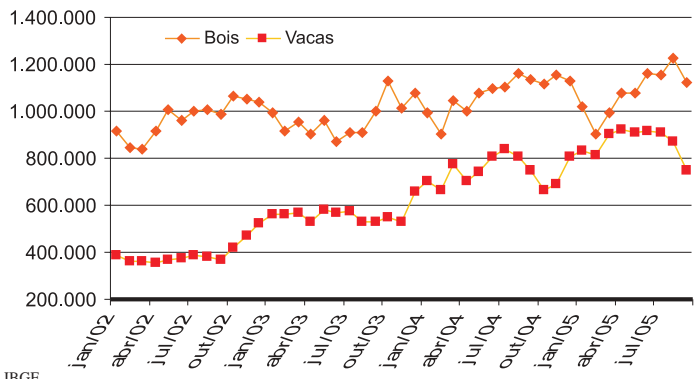
Fonte: IBGE

Bezerro anelado e boi gordo em SP (R\$/@ corrigidos pelo IGP-DI)



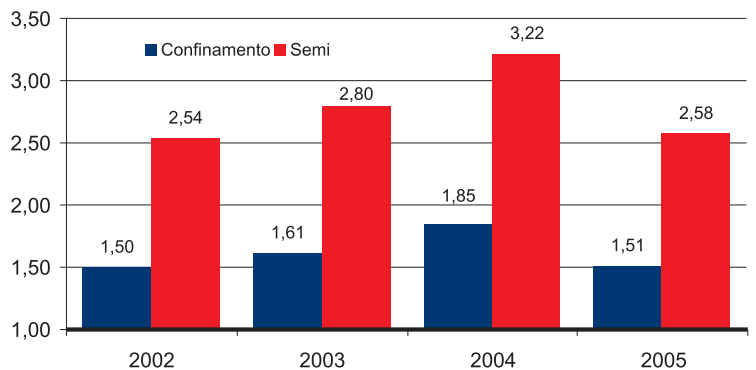
Fonte: Scot Consultoria

Abates de bois e vacas



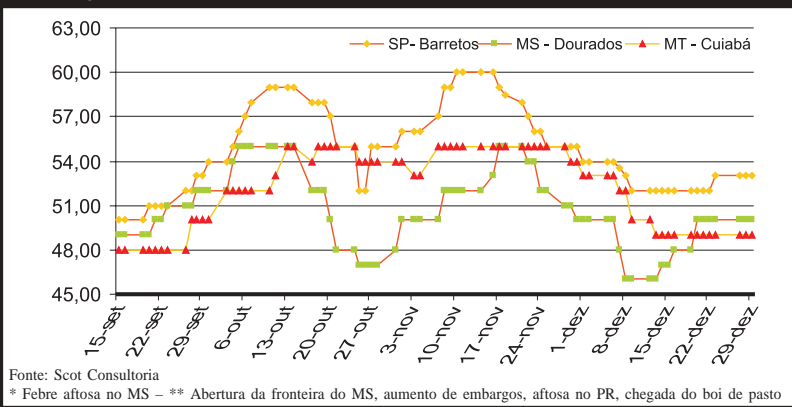
Fonte: IBGE

Confinamento e semiconfinamento (milhões de cabeças)

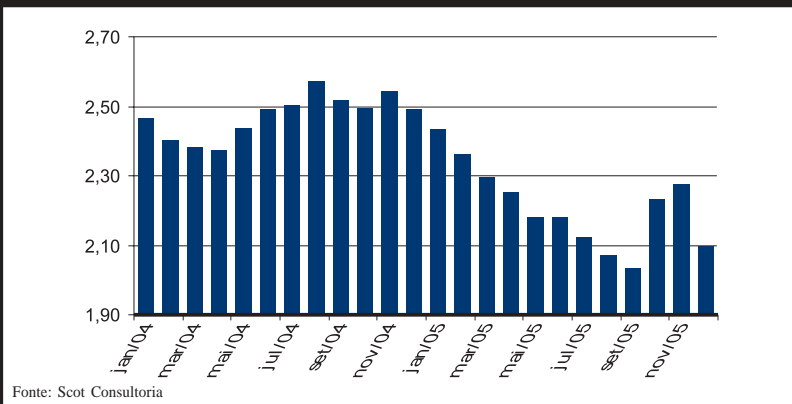


Fonte: Scot Consultoria

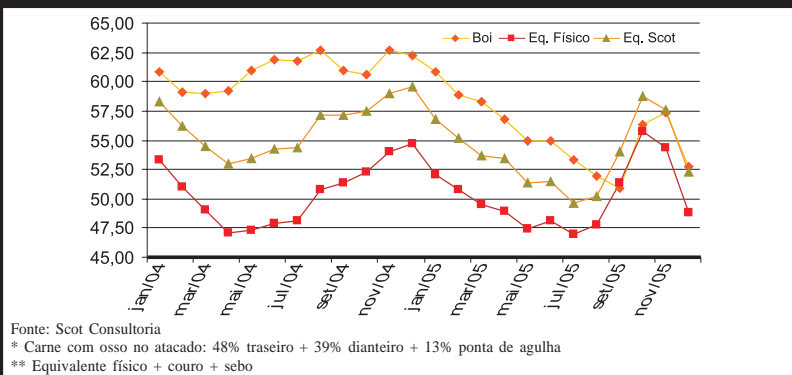
Boi gordo, em R\$/@, entre 15 de setembro e 30 de dezembro de 2005



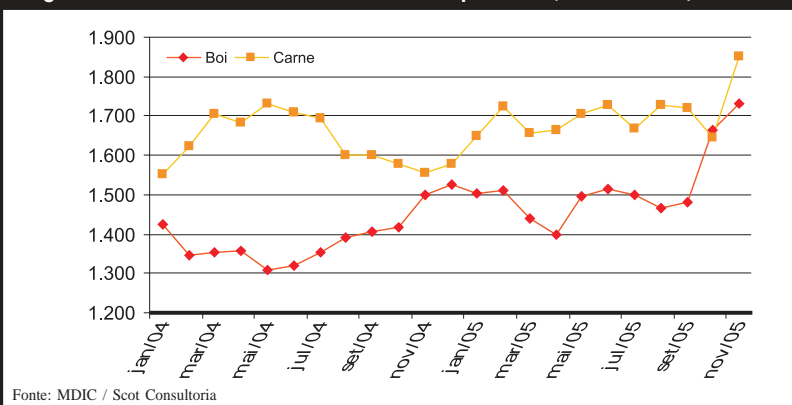
Bezerro anelorado e boi gordo em SP - R\$/@ corrigidos pelo IGP-DI



Arroba X Carne no mercado interno e externo Boi, equivalente físico* e equivalente Scot** - R\$/@



Boi gordo em SP e carne bovina in natura exportada (média Brasil) - US\$/tec



Quais são as perspectivas deste ano

Para 2006, se espera um ajuste de oferta de carne e gado, reflexo de quatro anos de descarte elevado de matrizes e da redução de investimentos. As exportações devem aumentar em torno de 10% em volume e de 15% em faturamento. O crescimento poderia ser maior. Porém, sobretudo, ao longo do primeiro trimestre de 2006, o desempenho brasileiro será prejudicado pelos embargos internacionais.

O fato de a economia mundial crescer em ritmo intenso e de o mercado internacional de carnes permanecer enxuto ajuda o Brasil.

Até as vendas internas poderão melhorar. Como 2006 é ano de eleição, os gastos do governo vão aumentar. Sem contar que o mercado acredita num crescimento do PIB entre 3,5% e 4%, e do salário mínimo para, mais ou menos, R\$350,00, quase 8% de aumento real.

Ajuste de oferta, exportações em alta e aquecimento das vendas internas constituem uma combinação favorável à valorização da arroba, ainda mais se o dólar reagir um pouco, mediante a queda das taxas de juros e das tradicionais especulações eleitorais.

Para o segundo semestre de 2006 (entressafra), a tendência é de mercado firme, com expectativa de arroba acima de R\$65,00, em São Paulo, entre outubro e novembro. Já para o primeiro semestre, em função da oferta de animais terminados a pasto e dos embargos em vigor, se espera cotações entre R\$ 50,00 e R\$54,00, para o boi gordo, em São Paulo.

As evidências levam a crer que 2006 será 'o ano da virada' e do início da recuperação dos preços, ou seja, o começo de um novo ciclo pecuário. No entanto, o mercado é extremamente dinâmico. Qualquer acontecimento de ordem política, econômica ou sanitária, por exemplo, pode alterar o cenário exposto.

* Zootecnista; ** Engenheiro agrônomo, *** Médica veterinária
 Scot Consultoria; tel.: (17) 3343 5111

Parcerias para resolver problemas sanitários

O ressurgimento da febre aftosa em Mato Grosso do Sul, no início de outubro, e depois, no Paraná, deixa cada vez mais clara a necessidade de ações entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), órgãos estaduais e municipais, junto com a iniciativa privada, nos pontos ligados à área sanitária.

Em outubro, o governo liberou, mediante medida provisória, R\$33 milhões para ações de controle e erradicação de febre aftosa nos Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, que foram afetados. Até o ressurgimento da febre aftosa no Brasil, 16 estados eram considerados livres de febre aftosa pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Agora, apenas Acre, Santa Catarina, Rondônia e Rio Grande do Sul mantêm este status. Muito esforço terá de ser despendido para resgatar áreas livres de febre aftosa e reabrir mercados para as carnes brasileiras.

Cerca de 52 países anunciaram embargos às carnes brasileiras, dos quais, oito suspenderam as importações de todo o País, entre eles: África do Sul, Chile, Colômbia e Ucrânia. As restrições vão desde animais susceptíveis, carnes bovina e suína e de aves a equipamentos para manutenção, abate e processamento de animais.

A União Européia, com 25 países membros, embargou a compra de carne bovina dos estados de Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Após a confirmação do foco de febre aftosa no Paraná, um dos países do bloco solicitou o embargo das compras de carne de todo o País. Após realizar longas auditorias e discussões, a UE resolveu sustentar os embargos às exportações oriundas apenas dos três estados embargados inicialmente, sem afetar outros estados.

Uma missão técnica do MAPA esteve em Bruxelas para prestar esclarecimentos à comunidade européia sobre a defesa sanitária do País, especialmente quanto ao controle dos focos de febre aftosa. Do mesmo modo, estiveram em Paris para apresentar à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) as ações de controle e erradicação dos focos.

No tocante ao Plano de Monitoramento de Fronteiras, para fortalecer as ações de controle da febre aftosa, nas regiões limítrofes com o Paraguai, Bolívia, Peru, Argentina e Uruguai, o papel da Embrapa será fundamental.

Em 2005, segundo o MAPA, foram gastos cerca de R\$121 milhões na realização de convênios com os Estados para equacionar problemas relacionados à sanidade. Deste montante, R\$37 milhões foram destinados à modernização, bem como ao aumento da eficiência, da confiabilidade e da rapidez das análises dos seis Laboratórios Nacionais Agropecuários (Lanagro), localizados em Pedro Leopoldo (MG), Porto Alegre (RS), Goiânia (GO), Belém (PA), Recife (PE) e Campinas (SP).

Os laboratórios de Pedro Leopoldo (MG) e de Campinas (SP), especializados em doenças de aves, terão R\$15 milhões do volume total. Laboratórios de alta segurança são fundamentais nos casos de doenças como: aftosa, influenza aviária, peste suína clássica e newcastle, entre outras. Os países desenvolvidos exigem dos laboratórios brasileiros procedimentos e análises equivalentes aos adotados em seus territórios.

Como utiliza equipamentos de captura de resíduos em produtos de origem animal mais precisos que os utilizados no Brasil, a União Européia indaga sobre a detecção de resíduos fora dos limites aceitáveis.

RÚSSIA E EUA

Em final de novembro, a Rússia suspendeu o embargo à importação de carne bovina e suína procedentes dos Estados do Acre, Amapá, Maranhão, Rondônia, Roraima e Tocantins. O Governo russo havia aplicado restrições

temporárias às importações de carnes bovina e suína originárias do Pará e Amazonas, e de estados vizinhos. A decisão beneficiou apenas Tocantins e Rondônia, com frigoríficos habilitados para exportar para aquele país. Para os Estados de Mato Grosso do Sul, Pará e Amazonas, o embargo russo continua. O Brasil ocupa o primeiro lugar na importação russa de carne bovina e suína, e segunda colocação na importação de frango.

Com relação aos Estados Unidos, o seu Serviço de Inspeção e Segurança (FSIS) concedeu ao Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), da SDA do MAPA, a prerrogativa de elaborar a lista de estabelecimentos habilitados a exportar para o mercado norte-americano, depois de realizar uma auditoria no Brasil, entre outubro e novembro.

Além de contemplar as atuais exportações de carne bovina termo-processadas, a decisão cria a possibilidade de o Brasil exportar carne suína termo-processada para os EUA, desde que as indústrias montem programas de autocontrole. Até julho de 2006, o País realizará auditorias internas para avaliar a equivalência dos programas das empresas brasileiras com a legislação dos Estados Unidos.

A concessão do Departamento de Agricultura dos EUA é fruto de algumas iniciativas do MAPA, como a contratação de novos servidores para o Serviço de Inspeção Federal (SIF), a realização de cursos de reciclagem e treinamento, os investimentos nos laboratórios da rede oficial e a revisão das metodologias de análises.

O próprio Dipoa desenvolveu e implantou importantes procedimentos de auditorias de autocontrole das empresas e do sistema de inspeção, que permitiram a equivalência com a legislação norte-americana. Esse aprimoramento do sistema de inspeção brasileiro também permitirá a equivalência com a legislação da União Européia, que entrará em vigor em 2006.

AMÉRICA DO SUL

Única região do continente americano que ainda convive com a febre aftosa, a América do Sul pretende erradicar clinicamente a doença até 2010. Para tanto, o Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa (Giefa), vinculado à Organização Panamericana de Saúde (OPS) e ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, intensificará as ações de prevenção e combate da doença nas áreas críticas, a partir de 2006. A implantação do programa exigirá investimentos de US\$48 milhões.

As áreas críticas são a fronteira do Brasil com o Paraguai e do Brasil com a Bolívia, a região do Chaco (espalhada por Argentina, Paraguai e Bolívia), o Equador e a Venezuela. O Norte e o Nordeste brasileiros, considerados como de risco desconhecido para aftosa, também foram incluídos na zona de cobertura do programa da Giefa. Os países que devem fazer parte das ações de prevenção e combate da aftosa têm um rebanho estimado em 320 milhões de cabeças, das quais, 200 milhões estão em território brasileiro.

Enquanto, hoje, Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela convivem com o mal, Argentina, Chile, Uruguai, Guiana, Guiana Francesa e Suriname não registraram nenhum caso da doença nos últimos anos. O Chile é considerado como área livre de aftosa sem vacinação, destaca Guedes. Já a Argentina e o Uruguai - a exemplo de partes do Brasil - têm status de livres da doença com imunização.

O programa de prevenção e combate da doença na América do Sul será desenvolvido por meio de parceria entre os setores público e privado, enfatiza o coordenador do Giefa. O Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa), vinculado à OPS, também participará do trabalho, que envolverá campanhas de vacinação, comunicação e extensão rural e vigilância sanitária. Para implementar o projeto, será criada a Associação do Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa (Agiefa).

Já existe uma cooperação bilateral na região para erradicar a aftosa. O Brasil fornece vacinas para aplicar no rebanho bovino boliviano. A esperança é de que todos os países que ainda enfrentam a aftosa na América do Sul aceitem participar do programa. ■